



Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e da Contemporaneidade -

Associada ao programa de mestrado Proletras-UPE-Garanhuns -

aos grupos de pesquisa ARGILEA e DISCENS

ISSN: 2236-1499 - registro na Crossref, d.o.i.: 10.13115/2236-1499

Número Especial 18b – 03/2016 – Com artigos, resumos e comunicações do CONEAB-2015

UMA LITERATURA (QUASE) NEGRA

Paulo Alves (UFPB)*

I – A literatura, o negro e o Brasil

Países como os Estados Unidos têm uma forte tradição de literatura de temática negra. No Brasil temos o inverso: uma literatura extremamente racista, ou racista e estereotipada que se vangloria pró-negro, ou ainda uma literatura voluntariamente alienada, politicamente partidária do eurocentrismo. Sim, porque tudo é político no sentido de que toda e qualquer ação ou pleiteia mudanças ou colabora para manter o *status quo* da classe dominante, veiculando sua ideologia. Basta determo-nos um pouco na literatura de Monteiro Lobato, Jorge de Lima, Jorge Amado, Machado de Assis, José Lins do Rego, e tantos outros para percebermos como o negro ali é tratado de modo eclipsado. Toda essa carga negativa que infligem sobre o negro, especialmente na literatura, vem de longa data. Segundo Brookshaw, “A associação da cor preta com maldade e feiura, e da cor branca com bondade e beleza remonta a tradição bíblica, resultando daí que o simbolismo do branco e preto constitui parte intrincada da cultura europeia, permanecendo em seu folclore e em seu patrimônio literário e artístico” (1983, p.12). Tudo isso é culturalmente produzido em benefício de alguns e detrimento de muitos, depois de estabelecido na sociedade, tenta-se de todas as formas naturalizá-lo. Para que os brancos e os pretensos brancos possam olhar os negros, a partir das diferenças, como desiguais. Assim, todo tipo de defeitos são atribuídos aos negros, sobretudo os piores socialmente e espiritualmente falando. No sentido espiritual, ainda quem fala é Brookshaw: “O modo como o branco vê o negro, portanto, foi moldado desde a infância pelas histórias em que a negritude era associada ao mal e os que faziam mal eram negros. Em muitas histórias e baladas, por exemplo, o negro simboliza o demônio”, dessa forma, “a fusão negro-demônio logicamente produziu a imagem do Negro *qua* Negro, possuidor pelo menos de características semelhante às do demônio, enquanto que o Demônio mesmo se disfarçava de Negro” (Idem, p.13). Essa informação parte de um estrangeiro. O que não imaginar do que sabe, a esse respeito, um negro nacional e consciente? As religiões de matriz africana desde a escravidão são tidas como do demônio.

Aqui já entra a literatura como forma de aliciar os não negros e os negros, na tenra infância para predispor-los contra os negros, isto é, torná-los racistas. O racismo é maldita semente semeada na infância. E claro também na literatura para adultos e infanto-juvenil. Qual o brasileiro que nunca ouviu falar do *Sítio do pica-pau amarelo*. Em que o fazendeiro Monteiro Lobato além de colocar Tia Anastácia na cozinha, sem família, sem amor, sem história, compara-a a uma macaca preta. É uma atitude que envolve quase todos mostrando ostensiva

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação de Letras, na Universidade Federal da Paraíba sob a orientação do Prof. Dr. Fabrício Possebon.

e/ou sub-repticiamente que o negro é inferior e, como se não bastasse, é o mal, desprovido de humanidade e de alma. E partir de exemplos como o supracitado do escritor paulista, deixa-se claro que qualquer coisa de mal que se faça com o negro ninguém será punido, mas incentivado com a impunidade.

Diante dessa realidade, “os próprios escritores afro-brasileiros acham difícil fugir da síndrome do branco positivo e do preto negativo”. Especialmente “toda a criação poética de Cruz e Sousa, o mais prolífico poeta negro do século XIX, está baseada no tema do simbolismo da cor e enquanto ele evolui para uma reavaliação do preto, porém, é atormentado até o fim pelo sentimento interior de que o branco é a cor afortunada social e esteticamente” (Brookshaw, 1983, p.21). Cruz e Sousa é um caso especial, tanto na competência quanto na falta de autoestima, como na produção de uma poética em que desvaloriza o negro e endeusa o branco; nem por isso foi aceito, muito pelo contrário. Ainda segundo Brookshaw, “A figura do negro na literatura brasileira anterior a 1850, portanto anterior à abolição do tráfico de escravos, praticamente não existe. Isto é surpreendente se considerarmos o papel diário desempenhado pelos escravos em muitas atividades”, e ele mesmo explica a razão de tal disparate: “Já foi dito que a total ausência de escravos na literatura é um indício de que o escritor brasileiro não considerava o escravo de modo nenhum um ser humano” (1983, p.26). A partir desse momento, quando tem início a extinção oficial do escravismo é que o negro começa timidamente a parecer na literatura, como escravo, é bom que se frise, e ainda submisso e conformado. Mesmo diante dessa realidade de completo apagamento ou estereótipo dos negros, Sayers afirma que no Brasil não há racismo, é apenas impressão de um ou outro.

Ainda falando sobre Cruz e Sousa, diz Sayers: “Suas experiências lembram aquelas narradas na ficção de Lima Barreto, muitas das quais baseadas na observação pessoal do romancista, e que o levavam a dizer em seu *Diário Íntimo*: ‘É triste não ser branco’”. E enfatizava, “parecem exemplificar um tipo de discriminação existente em certas regiões do Brasil em fins do século passado [séc. XIX]” (1983, p.87). Mais a frente dá informações de uma realidade surreal, em se tratando de Brasil. “No Brasil, pelo menos a partir do começo do século passado [séc. XIX], os negros (e uso deste termo para incluir pretos e mulatos) têm competido com os brancos na conquista de posições de liderança na política, em atividades intelectuais e nas artes” (1983, p.178). Não dá para saber a razão que fez o estudioso chegar a essa conclusão, sobretudo porque no livro *O negro na literatura Brasileira*, (1956) ele constata o mesmo que Brookshaw: “Houve, pois, um surto de sentimento antiescravista nos começos do século XIX, que se exprime em relatórios oficiais e artigos de revistas. Entretanto, como indivíduo, o negro aparece muito pouco na literatura de ficção” (Sayers, 1958, p.157-8). Quando Sayers minimiza ao máximo a existência de racismo no Brasil, não se sabe ao certo qual razão o fez tomar tal atitude. Se foi má vontade com um pouco de alienação, mas seria possível alienação num intelectual tão preparado e conhecedor a fundo das realidades humanas? Pois, nesse caso, o tema não é teórico; teoriza-se sobre o mesmo para nuançá-lo e compreendê-lo melhor. Pois aqui vale a máxima de L. Wittgenstein: “não pense, olhe!”; e se não se vê a realidade a culpa não é desta. Ou se foi racismo mesmo, porque seu país fervilha de racismo como no Brasil embora com outro viés. Ele sabe muito bem que o tema cor nos Estados Unidos como no Brasil é questão de vida ou morte literalmente. Então, achamos que isso é um misto de racismo e má vontade. Porque ele mesmo constata que o negro não era apresentado na literatura, quando passou a ter um mínimo de espaço no enredo as poucas personagens negras eram todas estereotipadas da pior forma, além de ele mesmo confessar que o negro na sociedade brasileira de então não era considerado humano. Essa informação, como o supracitado, é dada por ele, e décadas depois corroborada por Brookshaw, que ainda

acrescenta: “e não há dúvida de que há algo de verdadeiro nisto” (1983,p.26). Não entendemos esta assertiva. Se ele quis dizer que os escritores viam mesmo os negros sem humanidade ou se estava creditando a opinião daqueles. Inclusive porque ele é claro quando diz: “Barreto, o mulato brasileiro, vivendo em uma sociedade caracterizada pelo preconceito de séculos” (Idem, p.169). Sociedade esta que priorizava os imigrantes da Europa em detrimento do elemento nacional, ou seja, negros, mulatos e pobres.

Aliás, no Brasil, há muita gente que estuda os negros em seus vários aspectos, portanto comem e bebem graças aos negros e são tremendamente racistas, sendo contra, inclusive, às cotas universitárias. Talvez Sayers não conseguisse perceber que os abolicionistas na grande maioria não visavam ao bem e a vida plena do negro, mas defendiam o fim da escravidão, tão somente preocupados em afastar os negros do contato com os brancos para não degenerar a índole destes. Exemplos claros disso são as peças *Demônio familiar* e *Amor de mãe* de José de Alencar, e o livro *As vítimas algozes* de Joaquim Manoel de Macedo, dentre outras.

No trabalho de 1983, Sayers afirma algo dos negros que não convence, ele falta precisar informações e adequar termos, senão vejamos, falando do Modernismo, diz: “Os escritores do modernismo haviam herdado do passado um cabedal de temas referentes ao negro, mas a estética do novo movimento e o conhecimento das novas tendências científicas permitiram-lhes abordar esses temas com maior originalidade e profundidade que antes”. Segundo ele, porque agora, “O fenômeno fundamental é que passaram a apreciar as coisas afro-brasileiras pelo valor intrínseco que nelas havia; ou seja, antes da invenção do termo, tinham descoberto a *negritude*”. E completa: “Um dos fenômenos do modernismo foi o fato de muitos poetas publicaram coleções de poemas sobre assuntos negros” (Sayers, 1983, p.34-5). Cita, por exemplo, *Urucungo* (1932) de Raul Bopp, e *Poemas negros* (1947) de Jorge de Lima. A obra do primeiro, não a conhecemos, mas a do segundo, no tocante ao negro, é folclórica, preconceituosa, baseada na estereotipia corrente. E isso o crítico não viu, isto é, não quis ver. O poema “Xangô”, celebrado por tantos críticos literários, é um exemplo de estereótipos vários e preconceito claro contra o negro.

Caboclos mulatos, negrinhas membrudas,
Aos tombos gemendo, cantando, rodando,
Mexendo os quadris e as mamas bojudas,
Retumbam o tantã..
No sujo mocambo a dança batuca.
Recende o fartum dos sangues cabindas.
Batendo com os pés, tremendo com as ancas,
Volteia sem roupas com o santo Oxum-Nila
A preta mais nova (Lima, 1978, p.32-3).

Neste poema, mulatos e negrinhas caem, gemem, cantam, rodam e mexem os quadris e mamas ao som do instrumento africano, num transe coletivo em que essas pessoas são reduzidas a figuras estranhas ou simples espectros. O poeta usa termos depreciativos para se referir aos negros como “ancas”, “fartum”, “sujo mocambo”. A impressão que se tem é que Jorge de Lima, além de ser racista, desconhecia a Europa; se lá ele fosse e quisesse ver, veria o que é sujeira e fartum de branco e não de negros. Aliás, se no Brasil há imundície quem aqui a introduziu nem puxava arco nem batucava tambor. Em seus poemas, os negros são selvagens, sujos, nauseabundos, e eróticos. No poema “Essa Negra Fulô”, mais preconceito e estereótipos. “Fulô Ô Fulô?/ (Era a fala da Sinhá/ chamando a Negra Fulô.)/ Cadê meu frasco de cheiro/ que teu Sinhô me mandou?/ – Ah! Foi você que roubou!/ Ah! Foi você que roubou// [...] /O Sinhô

foi açoitar/ sozinho a negra Fulô./ A negra tirou a saia / e tirou o cabeção,/ de dentro dele pulou/ nuinha a negra Fulô.// (Idem, p. 48-9).

Neste excerto, sobressaem dois estereótipos mais visíveis impingidos ao negro. A negra em questão é ladra e ninfomaníaca, isto é, não merece respeito nem confiança. Outras concepções redutoras perpassam a visão que o poeta tem do negro. Mesmo demonstrando que o senhor explorava sexualmente as negras, parece nem o poeta nem o crítico se dão conta da violência expressa no texto. O eu-lírico expressa que é a negra quem “vira” a cabeça dos homens, assim esses apenas cedem às tentações que representam as negras. A negra ainda rouba o Sinhô da Sinhá e esta só faz reclamar; não executou as práticas que eram comuns às Sinhás nestas condições: quebrar os dentes ou arrancá-los a alicate das negras que ela desconfiasse ter caso com o Sinhô, retalhar ou marcar com ferro em brasa o rosto para desfigurar, etc. Mas no poema do mulato Jorge, as Sinhás eram anjos de bondade. Assim, não parece que o modernismo e seus homens de letra eram comprometidos ou simpatizantes com a causa negra. Havia muitos estetas de faz-de-conta.

Quanto ao cabedal dos temas relativos ao negro que herdara o modernismo dos escritores anteriores não foi grande, porque poucos escritores escreveram algo interessante sobre os negros. Dos mais conhecidos salvam-se Luiz Gama e Lima Barreto, os outros ou não produziram nada de relevante ou não de forma relevante, salvo Cruz e Sousa que tem obra grandiosa, mas, no que toca à raça negra, tem-se que observar com cuidado o que se pode aproveitar diretamente em prol do negro. Nem esse cabedal foi bem aproveitado, no sentido de valorizar a cultura negra, pois a maioria dos que fizeram ou integraram o modernismo eram oriundos da burguesia paulista. Aproveitar o material de uma língua ou cultura não é apenas explorar a sonoridade, a fonética, os elementos léxicos ou mórficos. Cruz e Sousa usou muito bem a sonoridade, a fonética e a musicalidade da língua portuguesa, no entanto José Veríssimo disse que sua poesia tinha sons bárbaros dos tambores barulhento da África. Simplesmente por dois motivos: o crítico não possuía instrumental analítico nem teórico para compreender e analisar a nova poesia cruzsousiana, nem tinha boa vontade para com o negro.

Ademais, esses burguesinhos pouco ou nada se interessavam pelos negros, nem pelos pobres, sua revolução foi estética e, mesmo assim, ainda deixou a desejar à renovação empreendida por Lima Barreto. Uma prova de que os modernistas não tomavam conhecimento da realidade do negro é que eles empreenderam todo esse alvoroço de modernismo em São Paulo e no Rio, sem integrar Lima Barreto ao grupo, mas souberam integrar no movimento Graça Aranha e Sérgio Buarque, dois brancos da elite. Este último foi o único a enviar-lhe do movimento uma revista, o que Lima comenta numa crônica, sem deixar de emitir sua opinião sincera. “São Paulo tem a virtude de descobrir o mel do pau em ninho de coruja. De vez em quando, nos manda umas novidades velhas de quarenta anos. Agora, por intermédio do meu simpático amigo Sérgio Buarque de Holanda, quer nos impingir como descoberta dele, São Paulo, o tal de ‘futurismo’”. E continua: “Recebi, e agradeço uma revista de São Paulo que se intitula *Klaxon*” (FM, 1956, p.67)¹.

¹ As obras de Lima Barreto, utilizadas neste trabalho, serão citadas por iniciais que a identificam, para não criar confusão, pelo fato de a maioria ter o mesmo ano de publicação. Assim: GS=*Vida e morte de MJ Gonzaga de Sá*, vol. IV; CA=*Clara dos Anjos*, vol. V; BG=*Bagatelas*, vol. IX; FM=*Feiras e Mafuás*, vol. X; VU=*Vida Urbana*, vol. XI; DI=*Diário Íntimo*, vol. XIV; CRII=*Correspondência* v.2, vol. XVII. As mesmas citações trarão o ano de publicação da obra apenas na primeira vez que forem citadas, a partir de então, serão fornecidas somente as iniciais da obra e a página.

Outra área sensível do modernismo é o tratamento da mulher negra e do já conhecido estereótipo da mulata. Tomemos aqui apenas um escritor bem representativo do modernismo brasileiro, Jorge Amado, que além de ter uma vasta obra é muito discutido, e todo seu discurso é perpassado por estereótipos. Brookshaw resume sua obra em duas palavras: populismo e preconceito. E a nosso ver é um juízo acertado. Mesmo as mulheres brancas ou próximas de brancas em sua obra não escapam da hipersexualização ou da reificação. É o caso de Gabriela e de Dona Flor, por exemplo, não são mães, não raciocinam, segundo o bem da vida, são incapazes de guiar a própria vida. A primeira é incapaz de ver a realidade extracama, de assumir uma casa de cuidar de um marido; a segunda é submissa, explorada e espancada por um tipo gigolô, e não consegue viver sem ele, mesmo depois de viúva, ao casar em segundas núpcias como um homem de caráter, o trai com o falecido, é o tipo de mulher que gosta de sofrer, ou seja, masoquista. Quanto à mulher negra e à cultura afro, sua obra é um desastre. Para Bosi “O populismo literário deu uma mistura de equívocos, e o maior deles será por certo o de passar por arte revolucionária. No caso de Jorge Amado, porém, bastou a passagem do tempo para desfazer o engano” (1970, p.457). Ainda segundo Brookshaw, “Os romances de Amado por isso podem ser importantes meios de preservação da cultura africana no Brasil, embora também preservem e reforcem os mitos brancos concernentes aos afro-brasileiros como indivíduo”. E completa: “Em nenhum romance isso fica mais evidente do que [...] *Jubiabá*, *Gabriela*, *cravo e canela* e *Tenda dos Milagres*, os quais exaltam de diferentes modos e com diferentes propósitos a alma popular, mas que também demonstram as ambiguidades e preconceitos do tratamento que Amado dispensa a negros e mulatos” (1983, p.133). Mas, segundo o crítico, isso ocorre porque em Amado, “esse interesse é mais contra a moral burguesa do que a favor de uma mudança social e política” (Idem). Diríamos, especialmente se essas mudanças contemplassem negros e mulatos. Essa atitude está explícita em *Jubiabá*.

Segundo Paulo Alves, em relação ao negro, na obra de Amado há três formas de estereótipo mais frequentes que a estruturam. “O sexual: o negro é uma máquina dependente de sexo; o comportamental: o negro é um eterno primitivo ou irresponsável; e o ontológico: o negro é animalizado, desprovido de raciocínio” (2008, p.725). Para se ter uma ideia de como ele trata a mulher negra, segue dois excertos dos livros *Jubiabá* e *Tenda dos Milagres* respectivamente: “Ela [Rosenda Rosedá] rebola as ancas... desapareceu toda, só tem ancas. As suas nádegas enchem o circo, do teto até a arena. [...] Rosenda tira debaixo da saia flores, pétalas de rosa que joga na cabeça calva do juiz” (1961, p.214). Esse exemplo, dispensa qualquer comentário, torna-se vulgar, surreal. No próximo, fala de uma jornalista oferecendo-se a um estrangeiro, igual prostituta.

Rebolosa é termo chulo e falso adjetivo vil para aquela navegação de ancas e seios, em compasso de samba em ritmo de porta-estandarte de rancho. Muito *sexy*, a minissaia a exhibir-lhe as colunas morenas das coxas, o olhar noturno, o sorriso de lábios semiabertos, um tanto grossos, os dentes ávidos e o umbigo à mostra, toda ela de oiro. Não, não ia a rebolar-se, pois era a própria dança, convite e oferta (1969, p.27-8).

Resta uma pergunta: as nossas mulheres negras vivem dessa forma, ou é a pura ganância associada a uma ética relativíssima e a um sentimento de desrespeito total ao negro? Mas vale lembrar que ele chegou a receber prêmios por conservar e defender a cultura negar. E imaginar que este escritor se autoproclamava comunista, de esquerda, por suposto. Com tal figura de esquerda não precisamos de direita, pois esquerdistas desse tipo é direita fascista.

II – A literatura barretiana e a representação do negro

Lima Barreto é um autor mulato ou negro, como ele certa vez se identificou, que defendeu sempre o povo pobre frente às elites. Dentre os pobres concentrou sua energia na defesa dos mais “precarizados”: os negros. Mas ele sempre fez isso sem radicalismos, no tocante à cor ou a raça. Em sua visão o ser humano devia se impor pela vida íntegra e comportamento decente sem precisar estar alegando fatores óbvios como o tom da pele, salvo quando necessário. Sayers afirma que o modernismo impulsionou a reflexão e divulgação de temas e elementos da cultura negra (1983, p.34-5). Contudo, ele fechara os olhos para os estereótipos que encerram racismo. Lima, no alvorecer do século XX, é que construiu uma obra ficcional em que o negro aparece como pessoa normal: luta pela vida, experimenta alegria, tristeza, sofre e vence; sem estereótipos nem folclore constrói personagens que se pode encontrar feito pessoas em qualquer parte. Construiu sua obra com toda a liberdade que convém a quem queria uma sociedade livre e igualitária. Não buscava mais recompensas porque tinha consciência de sua situação na sociedade egoística e quantitativa. Por isso escrevia o que lhe convinha e sua consciência ditava.

“Barreto não devia agradecimentos a ninguém, não tinha interesses egoístas a proteger e, por este motivo, podia ser plenamente honesto em sua descrição da sociedade, uma honestidade que por fim o levou à morte prematura devido à pobreza e ao alcoolismo”. Por isso, “os romances de Lima Barreto atingem um nível de consciência social que o tornam único tanto como escritor afro-brasileiro, quanto como predecessor dos romances do realismo social que surgiram nas décadas de 30 e 40”. E completa: “Foi ele, por exemplo, que pela primeira vez escreveu abertamente sobre o preconceito racial a partir do ponto de vista do mulato” (Brookshaw, 1983, p.166). Lima falava do terreno que conhecia muito bem e do qual queria tomar posse e prepará-lo para torná-lo espaço receptivo e chão que desse firmeza ao pé de mulatos e negros, que não sabiam em que terreno pisavam nem qual espaço lhes competia. Inicialmente ele se mostra quem é, de onde vem, qual sua origem. “Deus do céu! Exclamei eu. Posso ser rebolo (minha bisavó era), cabinda, congo, moçambique” (VU, 1956, p.149). E no seu *Diário Íntimo* confessa, “Eu olhando aquelas casas e aqueles caminhos, lembrei-me da minha vida, dos meus avós escravos e, não sei como, lembrei-me de algumas frases ouvidas no meu âmbito familiar, que me davam vagas notícias das origens da minha avó materna, Geraldina”. Pois ela “era de São Gonçalo, de Cubandê, onde eram lavradores os Pereiras de Carvalho, de quem era ela cria” (DI, 1956, p.131). Contudo, ele critica e ironiza que no Brasil a moeda corrente é esconder alguém da família que seja negro ou mulato com fortes traços negos. Falando de João do Rio em carta a Monteiro Lobato, diz: “Eu tenho notícias de que ele já não se tem na conta de homem de letras, senão para arranjar propinas com os ministros e presidentes de Estado ou senão para receber sorrisos das moças brancas botafoganas – muitas das quais, como ele, escondem a mãe ou o pai” (CRII, 1955, p.56-7).

Já ele expunha sua realidade sem reboço, por que em sua visão, origem, classe social, nível econômico ou situação de vida não faz alguém ser mais ou menos importante que outrem, como fala pela boca do Gonzaga de Sá. “– A mais estúpida mania dos brasileiros, a mais estulta e lorpa, é a da aristocracia. Abre aí um jornaleco, desses de bonecos, e logo dás com uns clichês muito negros... Olha que ninguém quer ser negro no Brasil!...”. E continuando o raciocínio confessava: “Sabes bem que não tenho superstição de raça, de cor, de sangue, de casta, de coisa alguma. Para mim, só há indivíduos” (GS, 1956, p.57). Mais à frente, na mesma conversa com seu amigo e biógrafo, Augusto Machado, como que querendo acolher cidade e povo em seu peito de velho afetuoso, declara: “Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamoios, seus negros, seus mulatos, seus cafuzos e seus ‘galegos’ também” (GS, p.59). No seu humanismo crítico e ao mesmo tempo sentimental, querendo acolher a todos os grupos para

que cada indivíduo em si seja acolhido; valorizando o ser atomizado e não ao grupo de pertencimento, sentencia: “Os indivíduos me enternecem; isto é, o ente isolado a sofrer; e é só! Essas criações abstratas, classes, povos, raças, não me tocam...” (GS, p.75). Como se vê, a dor humana, o sofrimento do indivíduo, ou de uma classe que seja, pois a dor física é sempre sentida no indivíduo palpável, era o que movia o coração do escritor. O que aqui se explicita já é patente em toda a sua obra, por suas escolhas narrativas.

Tanto ele se preocupava também com os grupos humanos que criticava constante a política adotada no Brasil de proteger uns grupos e explorar e abandonar outros. “Pela primeira vez notava que o *self-help* do Governo era só para os nacionais, para os outros todos os auxílios e facilidades, não contando com a sua anterior educação e apoio dos patrícios” (PQ, 1959, p.164). Isso é a comprovação de que ele defendia os grupos humanos sociais e raciais. Na análise social brasileira, ele via o negro como Manoel Bomfim o vira um pouco antes, este criticando as elites que condenavam o mulato, ou seja, o trabalhador nacional, diz: “Não se lembram de que, ao condenar o nacional – o elemento povo – como incapaz e inaproveitável, eles se condenam a si mesmo, porque, em suma, o povo não se dirige por si, não se fez por si, não tem sido o senhor dos seus destinos”; mas, “tem sido dirigido, governado, educado pelas classes dominantes; eles é o que fizeram, e, se não presta, a culpa é de quem não soube educar”. E dá o golpe final nessa elite ignorante, tosca e desumana: “Se a massa popular é inaproveitável, então estas nações não tem razão de ser, devem desaparecer; e desaparecerão também, as outras classes, que uma nação não é feita, apenas, de classes dirigentes” (2005, p.199). Por isso, que Lima ironizava que, no Brasil, os poderosos não deixam aos humildes nem o direito de dizerem tolices (BG, 1956, p.209).

E nesse jogo de cores sempre os negros estão em desvantagem, falando dos privilégios que a elite que iniciava a jogar futebol tinha do Estado e ainda discriminava negros e mulatos, ele dispara: “E note que o dinheiro que o governo lhes dá, provém de impostos que todos pagam, brancos, pretos e mulatos. Dinheiro não tem cheiro, afirmava Vespasiano” (FM, p.171). Ainda em sua luta socrática de reabilitar o negro e expor a verdade sobre os brancos por condição e por presunção, ia ele sempre a desnudar as sandices da elite e da presumida ciência. “Basta dizer, como o mestre Finot, que a dolicocefalia, considerada como qualidade suprema entre os brancos, nada vale quando se a encontra entre os negros” (FM, p.189). Demonstrava com isso que o que a elite afirmava, não raro, utilizando-se *ad hoc* da ciência era dito de acordo às conveniências da própria classe.

III – O que seria uma literatura negra?

Há uma grande discussão nas possíveis adjetivação da literatura, isso começou numa outra proposta quando surgia a disciplina da Literatura Comparada, que teve de fragmentar a literatura em ramos nacionais. Após os Estudos Culturais, os Estudos Pós-Coloniais, o Multiculturalismo, etc, o problema ganhou novos contornos polêmicos. Os canonistas reclamam que os populares desvirtuaram a literatura, quando na verdade estes forçaram a porta para acessar o recinto restrito à elite, dita culta. Claro que há excessos de ambos os lados. Verdade é que o que antes pertencia a um seleto grupo de iniciados, agora pertence a todos; mas o grupo outrora dominante tenciona a corda tentando solapar o espaço conquistado pelas classes populares. Logo surgiu uma vasta gama de literaturas: negra, indígena, popular, pós-colonial, feminista, homossexual, *queer*, etc. Fato é que ambos têm razão e ambos estão equivocados pelo simples fato de que literatura é para toda a população, não só para uma elite;

por outro lado, não existem várias literaturas, apenas uma ou no máximo duas: a boa e a ruim. Com os Estudos Culturais, explodiu-se a ideia de um cânone literário.

O caso de uma literatura negra, como existe nos Estados Unidos, e nós defendemos que haja onde houver literatura, deve ser bem definida e explicada: uma literatura negra enquanto temática não como ontologia de um fenômeno. No Brasil, praticamente nada houve no sentido de uma literatura negra. Houve sim, aqui e ali, indivíduos que se propuseram a tematizar de forma assídua e profunda a questão do negro em sua produção literária. Não temos dados específicos, mas através de uma simples pesquisa encontramos três literatos que poderiam ser encaixados nesse conceito de literatura: o advogado e poeta baiano, Luís Gama (1830-1882), o ficcionista e jornalista carioca, Lima Barreto (1881-1922) e o poeta e agitador cultural pernambucano, Solano Trindade (1908-1974). Luís Gama produziu obra no período romântico, contudo de sua obra o que ficou relativamente conhecida foi a parte satírica; especialmente o poema “Quem sou eu”, vulgarmente conhecido por “Bodarrada”, em que o poeta reage aos racistas que chamavam os negros de “bodes”, diz simplesmente que todos são bodes.

Se negro sou, ou sou bode/ Pouco importa. O que isto pode?/ Bodes há de toda a casta,/ Pois que a espécie é muito vasta.../ Há cinzentos, há rajados,/ Baios, pampas e malhados,/ Bodes negros, bodes brancos,/ E, sejamos todos francos,/ Uns plebeus, e outros nobres,/ Bodes ricos, bodes pobres,/ Bodes sábios, importantes,/ E também alguns tratantes.../ Aqui, nesta boa terra,/ Marram todos, tudo berra;/ Nobres Condes e Duquesas,/ Ricas Damas e Marquesas/ Deputados, senadores,/ Gentis-homens, veadores;/ Belas Damas emproadas,/ De nobreza empantufadas;/ [...] / Pois se todos têm rabicho,/ Para que tanto capricho?/ Haja paz, haja alegria,/ Folgue e brinque a bodaria;/ Cesse pois a matinada,/ Porque tudo é bodarrada!//²

Lima Barreto utiliza da literatura para a conscientização das massas. Em seus textos, valoriza o elemento negro, discute a situação de indivíduos em dificuldades por conta das questões de pele, aborda as questões candentes da raça, tenta sempre trazer a realidade histórica do povo negro para alertá-lo no presente. Essa sua preocupação não ocorreu depois de frustrações com a sociedade, mas desde jovem que já pensava nisso. No início de 1903, anota em seu diário: “Eu sou Afonso enrique de Lima Barreto [...] No futuro escreverei a *História da Escravidão Negra no Brasil* e sua influência na nossa nacionalidade” (DI, p.33). Em 12/01/1905 volta à carga: “Veio-me a ideia, ou antes, registro aqui a ideia que me está perseguindo. Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda”. E explica: “Será uma espécie de *Germinal* negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como os do tempo da escravidão” (DI, p.84). O mesmo não foi concretizado não se sabe a razão. Mas toda sua obra ficcional e jornalística é em prol do negro.

Solano Trindade era muito sensível com a situação do negro, vivia para promover ações em benefício da raça negra a ponto de Brookshaw afirmar: “Trindade era um expoente de um humanismo universal através do qual via o fortalecimento da solidariedade negra. Sua conscientização era [...] uma conscientização negra que aspira à integração, mas sem perder

² Disponível em: <http://www.horadopovo.com.br/2009/maio/2764-13-05-09/P8/pag8a.htm>. Acesso em: 17/11/2015.

sua dignidade cultural negra” (1983, p.183-4). Ele estava sempre interpelando pessoas a participarem de movimentos culturais voltados para a raça negra, instigando as pessoas a se unirem em grupos e associações para se entretajudarem e viverem celebrando a vida, festejando as conquistas e vitórias e apoiando-se mutuamente nos momentos difíceis. Isso ele fazia no Recife, sua cidade natal, e repete por onde passou, em Minas Gerais e depois Rio Grande do Sul onde cria centro de cultura, depois se muda para o Rio de Janeiro e por fim vai morar no interior de São Paulo, em Embu, onde movimenta a cidade em torno de propostas artísticas. Sua ação tem dois eixos: a cultura voltada para as classes populares e a solidariedade que irmanam as pessoas e faz a vida ficar mais humana.

Sua poesia fala da vida simples e explorada, do ser negro, e da busca de uma irmandade entre as pessoas. Diz o poema “Sou negro”. “Sou negro/ meus avós foram queimados/ pelo sol da África/ minh’alma recebeu o batismo dos tambores// [...] Depois meu avô brigou como um danado/ [...] Não foi um pai João/ humilde e manso/ Mesmo vovô/ não foi de brincadeira/ Na guerra dos Malês/ ele se destacou//”³ Assim, mostrar sua origem e como portar-se os negros no enfrentamento diário que exigirá disposição e firmeza de caráter.

A literatura negra, aliás, de temática negra, compõe um *corpus* literário que fazendo parte da literatura brasileira e da universal, destaca-se e diferencia-se por conter, além de uma ficcionalidade, marcada por temas e problemas que dizem respeito à vida de negros e negras reais, traz como marca central a subjetividade e nela propostas de vida prenhe de desejos, experiências, histórias e anseios de mudança que vão ao encontro das expectativas de seus leitores afrodescendentes como mote para projeto de vida pessoal e promessa de construção de um mundo melhor, porque fraterno.

Referências bibliográficas

- ALVES, Paulo. Diálogo sobre a colonização em Jorge Amado romancista. In: SÉBASTIEN, J. e JUSTINO, L. (Orgs.). *Representações inter/intraculturais*. Recife: Livro Rápido, 2008. p.717-729.
- BARRETO, Lima. *Obras completas*. Dir. Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. Vv. IV, IX, X, XI, XII, XIV, XVII.
- BOMFIM, Manoel. *América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- BROOKSHAW, D. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre, Mercado aberto, 1983.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: *Scripta*, Belo Horizonte, vol. 13, no. 25, 2º sem. 2009. p.17-31.
- LIMA, Jorge de. *Antologia poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- SAYERS, Raymond. *O negro na literatura brasileira*. Trad. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1958.
- SAYERS, Raymond. *Onze estudos de literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

³ Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/pernambuco/solano_trindade.html. Acesso em: 17/11/2016